

A CRIAÇÃO EM DAS IDADES DO MUNDO DE FRANCISCO DE HOLANDA

TERESA AMADO

Esta comunicação propõe-se evidenciar a originalidade artística, estética e teológica *De Actibus Mundi Imagines*. O autor, Francisco de Holanda, é reconhecido sobretudo pelo escrito, *Pintura Antiga*, primeiro tratado português de arte, mas a maior singularidade e genialidade do artista revela-se em *De Actibus Mundi Imagines* — obra concebida e desenhada entre 1543 e 1573. Neste álbum de desenhos, com 156 imagens e 250 medalhões complementares, o pintor não só concretiza os princípios que enuncia teoricamente em *Pintura Antiga*, como transmite a mensagem bíblica, usando toda uma plêiade de imagens visuais criativas e dando-lhe um sentido doutrinal, fruto da sua própria reflexão, devoção e experiência contemplativa.

É uma criação única no Renascimento peninsular e modelo sem seguimento, até hoje. É uma obra rara e singular no próprio contexto humanista europeu. Esta bíblia ilustrada, e simultaneamente história do Mundo pela sua força imagética e coesão narrativa, ainda hoje espanta, atrai e questiona, quando sentimos e pensamos de forma tão distante da espiritualidade e das vivências que Holanda exprime visualmente. A surpresa das soluções formais, de ressonância contemplativa, a largueza do desenho de abertura poética e a sugestiva limpidez dos símbolos são ainda hoje de grande modernidade. Não tanto pela perfeição formal, mas pelo sentido profundo do que evocam e comunicam.

Este estudo incide exclusivamente na apreciação das imagens iniciais *De Actibus Mundi Imagines* alusivas ao relato da criação do livro dos *Gênesis*. Concentramo-nos especificamente na finalidade da criação: Adão (sexto dia) e o repouso de Deus (sétimo dia). Estas imagens, associadas à visão final do Anjo do Senhor, são pilares do

Album: por um lado, elas permitem vislumbrar a visão de Deus, do Homem, da História e do Tempo em Francisco de Holanda; por outro, a empatia visual e a modernidade da linguagem despertam, ainda hoje, a relevância da mensagem do álbum.

IMPACTO VISUAL DAS IMAGENS DA CRIAÇÃO.

As catorze imagens da semana da Criação podem agrupar-se em quatro sequências: a inteligência criadora de Deus, primeiro dia; a criação do cosmos e da vida na Terra, do segundo ao quinto dia; a criação do Homem, sexto dia; e o repouso de Deus, sétimo dia.

As imagens são depositárias da cadência de litania e da solenidade das palavras bíblicas.

Começemos por ler, como se fora a primeira vez, o relato bíblico. Lembremo-nos que foi escrito há mais de dois mil e quinhentos anos. E lembremo-nos também que Francisco de Holanda criou estas pinturas há quase quinhentos anos, sensivelmente no ano da morte de Copérnico, 1543.

A inteligência criadora de Deus

Ao contemplarmos as primeiras pinturas do Álbum, relembramos as palavras dos versículos bíblicos, «o silêncio de uma terra vazia e vaga, a profundidade dos abismos, o sopro de Deus que agitava a superfície da terra»; elas ecoaram no íntimo de Francisco de Holanda, antes de vibrarem nas suas pinturas. O observador é obrigado a sair de si mesmo, de olhar de fora — e para fora. Vámos demonstrar como: deparamo-nos com uma estrutura geométrica abstrata, meticulosamente elaborada, que segue uma cosmografia inovadora. Não estamos habituados a ver este nível de abstração geométrica nas imagens da Criação.¹

O Criador, Luz incriada e luz primordial, emerge de uma densidade de trevas. Esta expansão de luz fecundante, que vai penetrando nos abismos e dissipando as trevas, é nos transmitida pela cor, no jogo de claro-escuro, sugerindo fogo, vapores

1 Génesis 1,1. E o Salmo 8 «Poder do nome divino». Cf. Bíblia de Jerusalém, S. Paulo, Paulus, 2002, p. 13 e p. 869.

2 Francisco de Holanda, «Primeiro Dia», in *De Actibus Mundi Imagines*, Bibliotheca Nacional de España, Belas Artes, código 14-26, fl. 3. Disponível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000137315&page=1> [Consultado em 22/7/2016].

de água e terra. Da explosão de luz nasce a Espiritualidade progressiva do mundo, sugerida pelo cone luminoso que gera vida e relação. Deus criador, esfera e fonte, manifesta-se enquanto inteligência criadora racional e que ordena. A imagem transmite um sentido primordial, um mundo em ebulição, em processo de transformação.

A CRIAÇÃO DO COSMOS E DA VIDA NA TERRA

Na imagem da criação do firmamento³, a espiritualidade concretiza-se na figura humana de Deus trino que se sobrepõe e permanece para além do imenso espaço criado. Imponente a imagem de Deus, imponente a imagem cósmica. Criador de braços abertos em movimento é sinal de disponibilidade e relação. Os poderes do Criador surgem inscritos no seu corpo e braços, e são dons e frutos do Espírito Santo: Piedade, Quiétude, Razão, Mansidão, Clemência, Misericórdia e Paz.

Mantendo a ordem, segue-se a separação das águas e da terra⁴, com a origem do mundo vegetal. A imagem impõe-se pela grandeza das formas. Francisco de Holanda aumenta e aproxima os elementos, reduzindo as distâncias. Deforma, e cria ilusão, aparentando o processo fotográfico com teleobjetiva. Antecipando-se a uma sequência cinematográfica, através do jogo de planos, o pintor dinamiza a narrativa, comunicando com força e rigor o que pretende transmitir.

Na figura seguinte, a criação dos «luminários», que dão poder ao dia e à noite, somos transportados para o espaço⁵. O sopro de Deus, aqui acompanhado pela sua corte celestial, inunda o firmamento. Testemunhamos a grande harmonia criadora do Sol, da Terra e da Lua na imensidão do espaço cósmico. A imagem é pintada de frente, como se Francisco de Holanda estivesse também no espaço cósmico, posicionado diante de Deus, conarrador próximo do Criador. A grandeza do Universo impõe-se à Terra. Comunica vitalidade, alegria e bondade da Criação. Esta posição

3 Francisco de Holanda, «Criação do Firmamento», in *De Actibus Mundi Imagines*, op. cit., fl. 4. Disponível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000137315&page=1> [Consultado em 22/7/2016].

4 Francisco de Holanda, «Separação das Águas», in *De Actibus Mundi Imagines*, op. cit., fl. 5. Disponível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000137315&page=1> [Consultado em 22/7/2016].⁵ Francisco de Holanda, «Criação das Luminárias», in *De Actibus Mundi Imagines*, op. cit., fl. 6. Disponível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000137315&page=1> [Consultado em 22/7/2016].⁶ Francisco de Holanda, «Criação da vida a partir da água», in *De Actibus Mundi Imagines*, op. cit., fl. 7. Disponível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000137315&page=1> [Consultado em 22/7/2016].

de elevação e proximidade é uma das características surpreendentes, desestabilizadoras e modernas da *De Actatibus Mundi Imagines*. Assim como, pela posição privilegiada, nos faz sentir quase em cumplicidade com o criador, também, ao jogar com as dimensões, (ignorando as distâncias, como na imagem da criação da vida na Terra) ele foca a imagem nos pontos de interesse, que amplia e destaca. Este jogo de ótica tem efeitos muito sugestivos: por um lado Francisco de Holanda tem uma concepção moderna de espaço e de perspectiva; por outro, usa lentes de ampliação, rompe os espaços e cria impacto de uma outra perspectiva. O resultado é original: comunica com força e limpidez uma realidade inteligível, do domínio do transcendente.

Na imagem da criação da Vida, o fervilhar da vida surge numa relação de dependência com Deus Trindade solar⁶. Relação de dependência e de aliança consubstanciada no vórtice de água que os une. Da água, símbolo do bem e do mal, surge não só a abundância dos seres vivos, mas também a aflição de humanos, na prefiguração da queda e do sofrimento.

A CRIAÇÃO DE ADÃO

A criação de Adão está carregada de símbolos que ligam esta imagem às anteriores, fazendo dela uma súplica de elementos ordenados, como se os episódios anteriores se concentrassem e se combinassem aqui (figura 1)⁷.

Aqui estão os símbolos da totalidade, alfa e ômega, que são os atributos da «imagem divina». Aqui estão os quatro elementos dos antigos, o fogo, o ar, a água e a terra. Aqui está Deus trino no esplendor da luz e louvado pelos anjos. O espaço celeste do firmamento estrelado ocupa a parte superior da imagem; é o espaço de Deus, de cores puras, de movimento circular e harmonioso, pleno de vida. A luz incidiada que se propaga e envolve o Adão ainda barro e o sopro vital que penetra o coração e chega aos sentidos unem o céu e a terra. Há uma inteligência criadora ordenada e construtiva que preparou este momento.

Aqui é simbolizada por este instrumento de rigor que é o compasso. Mas a força do impacto visual radica na figura de Adão. Pertencendo ainda ao mundo subterrá-



Figura 1. Criação de Adão, *De Actatibus Mundi Imagines* © B.N.Espanha

neo, está deitado e ligado à terra por inúmeras raízes como uma árvore, ou melhor, como uma semente que germinará da terra e dará fruto. É uma representação andrógena, em formação, que tem no coração a semente divina: «Porei minha lei no fundo do seu ser e a escreverei em seu coração. Então serei seu Deus e eles serão meu povo»⁸. Adão/humanidade está enquadrado pelo fogo do espírito e pela água do batismo e da vida. Num canto bem escuro e escondido está uma serpente com cara de diabo, presságio de separação e sofrimento.

O Homem aparece na sua fragilidade e limitação, características sugeridas pelas cores, pelas formas irregulares e linhas pontiagudas. Surge dependente de Deus e da Terra, de onde se levanta e que o protege simultaneamente. A materialidade do homem Adão é valorizada e é nela que Deus se inscreve e se deixa atuar. A cor e a substância desta terra, agora com a dignidade de carne, lembram a imagem do primeiro dia da criação, e a metáfora do barro moldado pelo oleiro⁹.

6 Cf. Jeremias, 31, 33, *Bíblia de Jerusalém*, *op. cit.*, p. 1420.

7 «Ishweli Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente», *Genésis*, 2,7; e «como a argila na mão do oleiro, assim serás vós na minha mão, ó casa de Israel!», *Jeremias*, 18,6. Cf. *Bíblia de Jerusalém*, *op. cit.*, p. 35-36 e 1998.

5 Francisco de Holanda, «Criação de Adão barro», in *De Actatibus Mundi Imagines*, *op. cit.*, II, 7v. Disponível em: <http://bdh-rd.bnc.es/viewer.vrn?id=0000137315&page=1> [Consultado em 22/7/2016].

Na grande parte das imagens medievais e renascentistas sobre a criação de Adão, vemos a figura de Deus Pai descido do céu, passando na terra e próximo de Adão. Neste quadro é Adão, e com ele toda a Criação, que se eleva. A pintura, na parte superior da folha, ilustra os solenes versículos bíblicos. Francisco de Holanda consagrou este efeito visual da harmonização da palavra e do desenho, alargando o texto e transcrevendo, na mesma folha do códice, outros versículos do relato da Criação.

Há ainda uma outra significativa diferença: a figura do Criador não é representada como Deus Pai, mas enquanto Deus Uno e Trino, com rostos resplandecentes, embora de traços difusos, que ladeiam o rosto central, de serena alegria e bondade. A presença da Trindade aproxima a relação de dependência e de amor com que Deus envolve a humanidade.

Francisco de Holanda pinta com cuidado e dedicação a criação da humanidade. O artista conta visualmente a criação de Adão e Eva recorrendo aos dois relatos bíblicos mas dando-lhe uma original interpretação.⁸ Ao contrário do que é habitual, Francisco de Holanda não seleciona nenhum dos dois episódios do Livro da Gênese: Adão criado do barro e a criação de Eva da costela de Adão. A sequência das quatro imagens da criação da Humanidade⁹ deve ser vista globalmente no seu conjunto: os desenhos são facetas da imagem e semelhança do homem face a Deus. O que é o Homem? — a imagem de Deus. Nesta imagem de Adão-terra, o foco está na grandiosidade do poder Criador e nas potencialidades da humanidade: o corpo é fragilidade insuflada de divindade.

Na figura seguinte, Adão está de pé, protegido pela árvore da vida, ligando a terra ao céu.¹⁰ Robusto e com dignidade, de braços abertos acolhe a missão que lhe foi confiada: nomear e dominar a criação, que, em conjunto, e segundo as suas espécies,

8 O livro do Génesis fixou e uniu duas narrativas da criação do Homem: Génesis 1, 26-30 (relato mais recente, da escola sacerdotal) e Génesis 2 (relato da tradição yavista). Cf. *Bíblia de Jerusalém*, op. cit., p. 34-37. 11. Francisco de Holanda, «Criação de Adão, Adão, Eva, Adão e Eva», in *De Actibus Mundi Imagines*, op. cit., fl. 7v, 8, 8v e 9. Disponível em: <http://bdh.rnhne.es/viewer.vrn?id=0000137315&page=1> [Consultado em 22/7/2016].

9 Francisco de Holanda, «Adão», in *De Actibus Mundi Imagines*, op. cit., fl. 8. Disponível em: <http://bdh.rnhne.es/viewer.vrn?id=0000137315&page=1> [Consultado em 22/7/2016]. 10 «Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos e todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra. Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou. Deus os abençoou e lhe disse: Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e multiplicai-a, dominai sobre todos os animais. Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom. Houve uma tarde e uma manhã: era o sexto dia.» *Génesis 1, 26-30. Bíblia de Jerusalém*, op. cit., p. 34-35.

o recebe. Ou seja, cuidar do mundo, para o proteger e guardar, usando a sua inteligência e as suas capacidades racionais¹¹.

Compare-se a leitura do poder de Deus em Francisco de Holanda e a marcante representação da capela Sistina, que o artista certamente visitara na sua estadia em Roma. Em Miguel Ângelo, o Criador é imaginado como uma figura possante de energia viril, em que sobressai a força do seu olhar e o poder da sua mente. Essa força mental penetrante gera Adão, com o espanto dos próprios anjos. É uma Criação sem aproximação, nem toque físico, sem sopro da alma. Em contraponto com a densidade e tensão cerebral da corte celeste, está Adão, belo, jovem, perfeito, sozinho interiormente, numa terra informe e vazia. O Deus Pai de Miguel Ângelo, na sua perfeição, é um Criador todo-poderoso, mental e racional, à imagem da ideia moderna de perfeição humana.

Volando às *De Actibus Mundi Imagines*, como em dipíctico, vemos a Criação de Eva, segundo a mesma grandezza e dignidade que fora revelada a Adão, valorizando agora a beleza, o amor e o louvor¹². Nesta imagem não existem animais nem plantas, um harmonioso e ameno vazio acolhe a humanidade: é o momento do céu em união com a terra abençoar a humanidade. Anjos em júbilo, descendo diretamente do Criador louvavam com regozijo e um casal de pequenos pássaros anima e acarícia a cena. O corpo de Eva é envolvido e protegido por longos cabelos escuros, que acentuam a Graciosidade, elegância e feminilidade. As suas mãos alçam a cabeça de Adão.

Tradicionalmente, Eva era representada saindo da costela de Adão, por vezes pedindo bênção a Deus, como a Eva da Capela Sistina. Talvez inspirado em Rafael, no fresco da lógia do Vaticano, Francisco de Holanda iguala-a em dignidade a Adão, logo à imagem de Deus. No nascimento da época moderna, é de salientar a originalidade conceptual e estética do pintor e a profundidade antropológica e espiritual desta Eva.

Finalmente, na sequência das catorze ilustrações da criação, a tentação de Adão e Eva é a única imagem em que Deus não está presente, nem a luminosidade que dele irradia¹³. Nesta visualização da tentação de Adão e Eva, eles e nós, observadores, confrontamo-nos com a nossa dimensão de seres de livre consciência e vontade.

10 Francisco de Holanda, «Criação de Eva», in *De Actibus Mundi Imagines*, op. cit., fl. 8v. Disponível em: <http://bdh.rnhne.es/viewer.vrn?id=0000137315&page=1> [Consultado em 22/7/2016].

11 Francisco de Holanda, «Tentação de Adão e de Eva», in *De Actibus Mundi Imagines*, op. cit., fl. 9. Disponível em: <http://bdh.rnhne.es/viewer.vrn?id=0000137315&page=1> [Consultado em 22/7/2016].

A imagem fala-nos da responsabilidade da escolha e dos limites da liberdade. Por isso, Francisco de Holanda teve a intuição de marcar um voluntário afastamento de Deus. A sugestão de harmoniosas relações no jardim do Paraíso é abruptamente suspensa. O peso de uma escolha voluntarista é sugerido pela gravidade das cores, pela tensão dos corpos e dos rostos de Adão e Eva, pelos gritos angustiados e sofreadores dos anjos, pelo voo apressado dos pássaros. A morte e a serpente abraçam Eva. Contrastando com a imagem anterior, as linhas e as formas são serpenteadas horizontalmente, transmitindo intranquilidade. Este serpentear é reforçado pela ondulação do texto, na parte inferior da página. As dimensões do homem, o outro lado da Criação, estão marcadas como mistério de Deus é tanto mais significante, quanto esse Deus é representado como mistério da Trindade, gravado desde a primeira imagem. O lado divino da ligação, codependência, relação de aliança afasta-se porque o Amor pode tudo, menos limitar a liberdade.

O Criador, com semelhança de atributos e símbolos, é representado em todos os treze desenhos de maneira diferente. São manifestações da unidade na diversidade, uma vez que nunca hesitamos em reconhecer a presença de Deus. Com esta aparente não identidade, e em união com a forma trinitária, Francisco, de Holanda aproxima-nos do mistério da eternidade, concretizado numa relação de Deus Pai, Deus Filho e Espírito Santo. O amor relacional entre as pessoas da Trindade envolve a Humanidade.

O Criador é sugerido pela intensa luminosidade branca, inscrita em figuras geométricas, ou em união com os rostos trinitários¹². Apenas numa das nove aguarelas alusivas aos seis dias da criação, Francisco de Holanda desenha a imagem divina com corpo — no segundo dia, o dia da criação e expansão do firmamento — símbolo da sua morada. Configura assim Cristo na sua essência (com os frutos do Espírito Santo inscritos nos braços e corpo, como se disse).

Em todas as outras imagens, o pintor evidencia a natureza absoluta, incriada, totalmente «outra» e inefável do Criador. Usando artifícios de imagem, sem nos impor uma divindade «terràquea» num frente-a-frente com o homem por ele criado, e sem a necessidade de nos fazer ver Deus com corpo, o pintor aproxima-O das cria-

12 Francisco de Holanda «As imagens do Criador», in *De Actibus Mundi Imagines*, op. cit., fl. 3-11. Disponível em: <http://bdh-nd.bnc.es/viewer.vm?id=000017315&page=1> [Consultado em 22/7/2016]. " Francisco de Holanda, «O Sétimo dia: o Descanso de Deus», in *De Actibus Mundi Imagines*, op. cit., fl. 11 Disponível em: <http://bdh-nd.bnc.es/viewer.vm?id=000017315&page=11> [Consultado em 19/3/2016].

turas pelo simples gesto de bênção. Concretamente, na citação de Adão e de Eva, Francisco de Holanda apresenta o rosto de Deus pacífico e sereno, em relação harmónica, de uma dinâmica subtil com os outros rostos da Trindade. Irradia luminosidade branca, símbolo de energia vital; feixes luminosos dirigem-se para a criação. Ondas de luz em movimento tocam o homem e as labaredas vermelhas ou brancas assinalam o incendiar do coração. Do inefável da natureza de Deus sente-se extrair o amor divino. Na base da criação, e da aliança entre Deus e as Criaturas, está a partilha desse amor.

O REPOUSO DE DEUS

O ciclo da criação termina com o repouso de Deus (figura 2)¹³. Francisco de Holanda pinta a história de Deus com o Mundo na perspectiva de Deus. Concretamente, o artista coloca-nos num ponto alto de observação, como se a nossa visão tivesse acesso simultaneamente a um plano superior, global, e a um outro plano, interior, que ele torna perceptível.

A representação do sétimo dia da Criação é uma imagem rara, singular e única nas comuns representações da Criação¹⁴. A força visual da pintura radica na densidade inagógica, tanto mais quanto o Repouso de Deus é omissis nas narrativas visuais bíblicas, que encadeiam a imagem das Tentações de Eva com a Expulsão do Paraíso.

Nas *De Actibus Mundi Imagines*, Francisco de Holanda sela o ciclo do Deus criador e da criação com esta aguarela. Ela revela a ideia que o artista tem de Deus-Pai, que envolve e acolhe, e representa como Bondade, Graça¹⁵ e Amor (Agapé). A visão misericordiosa do Criador, como perpétua capacidade de Amar e de gerar amor (Kharis), numa relação de dependência e de íntima comunhão com os homens

13 No livro do *Gênesis* o sétimo dia da criação é referido apenas no início do segundo capítulo, como corolário de toda a Criação, evocada ao longo do primeiro capítulo. No entanto, desde a Idade Média que as bíblias ilustradas ou as representações visuais da criação do Homem se concentram sobretudo no segundo relato do *Gênesis* (capítulo 2), da tradição iavesta, mais antigo, mais longo e concreto. Este episódio tem como enquadro narrativo as dramáticas sequências da queda e da expulsão do Paraíso (capítulo 3), da luta entre Abel e Caim (capítulo 4), etc. Os ilustradores ao valorizarem estas cenas, ignorando os versículos finais do capítulo 1 (56-31) sobre a origem do Homem, acabam por omitir a referência ao sétimo dia. "Evocando as entranhas maternas, a palavra hebraica *hesed* exprime simultaneamente bondade, graça e misericórdia.

que ele abençoa a humanidade. Esta imagem de um Deus misericordioso, tenerrito e próximo, atuando no seu descanso com criatividade e amor, gera confiança, entrega e alegre abandono.

No centro dos círculos de luz, brilha e orienta a estrela da verdade e da sabedoria. O projeto do Criador para o homem, para a humanidade e para o mundo é confiado. Mensagem e aspiração que é renovada ao longo do Antigo Testamento, em inúmeros Salmos e nos livros dos profetas Oseias e Isaias, e é revigorada no Novo Testamento, com as palavras de Jesus¹⁷.

A presença e a participação de Deus na história da salvação torna-se explícita na parte central da imagem. O anjo da Providência segura e ampara o mundo dos humanos, a Terra com os seus continentes, transformando o chicote em vara da fecundidade da terra e protegendo-a com os frutos do Espírito. Entre o louvor dos anjos (nos medalhões) e o abraço protetor de Deus, a figura da Providência zela pelo mundo. É o nascer do tempo e do mundo dos homens. Esta visão moderna, cósmica e planetária, alarga o plano individual humano para o coletivo, universaliza-o e trã-lo ao presente. Não só as dimensões fraternas, sociais e as relações do homem com a natureza fazem parte do plano de Deus, como o próprio tempo histórico.

Esta é uma das grandes originalidades da imagem e do álbum: as seis idades do Mundo estão inscritas nas asas da Providência. A semelhança e na continuidade dos seis dias da criação, Francisco de Holanda faz nascer o tempo da vida dos homens, o tempo histórico, ordenado segundo o projeto divino — as seis idades do mundo nas asas do anjo correspondem à visão da história e do tempo de Deus. É essa história que Francisco de Holanda concretiza visualmente no álbum.

As *De Actatibus Mundi Imagines* são o relato da vida social da humanidade, ordenado num tempo fundador e com um sentido providencialista: uma teologia da História com uma forte dimensão ontológica. Francisco de Holanda não espera pela expulsão do Paraíso para o encadear da História, marca no sétimo dia da Criação o princípio dessa dimensão do Tempo e do fazer. Assim como Adão surge em projeto embrionário, também a história da humanidade está em semente, unida ao criador. Face à compreensão relacional da criação (luz e trevas, céu e firmamento, água e Terra, sol e lua, vida vegetal e animal, homem, Adão e Eva), Francisco de Holanda

17 Cf. Isaias, 54,13; Oseias, 11, 3-4; Mateus, 11,25 e 18,3-5; Marcos, 10,15; Lucas, 9,46-48 e 18,16-17. Bíblia de Jerusalém, op. cit. p. 1342, p. 1736, p. 1774, p. 1806 e p. 1821.

alarga essa dimensão relacional da humanidade ao Homem que, de geração em geração, trabalha e vive em coletividade — homem social, político e cultural. Ele introduz essa dimensão histórica como corolário da criação, saindo do repouso de Deus. Sintetizando, nas imagens do álbum há uma sobreposição do sentido espiritual e do sentido histórico da Bíblia, sendo que o sentido espiritual tem a primazia.

CONCLUSÃO

O álbum *De Actatibus Mundi Imagines* revela uma abertura à transcendência que nos toca. As imagens que Francisco de Holanda desenha são a concretização da sua vivência interior. Ao longo de trinta anos, o artista soube ouvir, ler e meditar o texto, numa atitude que só pode ter sido contemplativa. É a fé que lhe ilumina o texto bíblico. Esse sentir interior comunica-se às imagens. Hoje, essa experiência mística comove-nos, mesmo sem partilharmos da mesma espiritualidade. Porém, quando mergulhamos nas imagens, entendendo o sentido do texto e a riqueza simbólica que elas carregam, abre-se uma brecha na intimidade do Ser.

Vibramos com a beleza das imagens, e essa vibração de espanto é provocada por um belo que não tem na perfeição clássica renascentista o seu modelo. Nas imagens da criação do homem e do repouso de Deus estamos na presença imediata de duas naturezas, divina e humana, que se tocam no coração e nas entranhas. Ligam-se, envolvem-se e envolvem-nos no mistério da criação.

De Actatibus Mundi Imagines são tanto uma obra artística como uma reflexão teológica sobre o sentido da História, do homem e da vida.

BIBLIOGRAFIA

- Bíblia de Jerusalém*, S. Paulo, Paulus, 2002.
- DESWARTES-ROSA, Sylvie (ed. e estudo), *Las Etades Del Mundo*, 2 vol., Barcelona, Biblío-Gemma, 2007.
- HOLANDA, Francisco de. *De Actatibus Mundi Imagines*, Biblioteca Nacional de España, Belas Artes, código 14-26. Disponível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000137315&page=1> [Consultado em 22/7/2016].